

Milão, 25 de janeiro de 2013. Apresentação do livro de Antonio Polito

Contro i papà. Come noi italiani abbiamo rovinato i nostri figli. Milão: Rizzoli, 2012

Emergência educativa

por Julián Carrón,

Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação

Antes de tudo, quero agradecer a Antonio Polito por este convite que muito me honra.

O livro que apresentamos hoje (*Contro i papà. Come noi italiani abbiamo rovinato i nostri figli*, de Antonio Polito) é um grito, uma provocação, uma pergunta: para onde estamos levando os nossos filhos? Muitos pais encontram-se justamente diante dessa pergunta. É uma pergunta que em não poucos casos se converte em preocupação e, às vezes, angústia, porque muitos não sabem para onde voltar-se, para onde olhar para sair do impasse em que, às vezes, se encontram. Esse é um sinal evidente da confusão que domina o nosso tempo, em que também vimos nascer, crescer, desenvolver-se tantas coisas bonitas, tantas conquistas da ciência. Mas à coisa mais cara, os nossos filhos, não sabemos oferecer algo verdadeiramente significativo a fim de que possam orientar-se no meio da confusão reinante.

Estamos diante do livro de um fino observador, que capta o maior desafio que a sociedade tem de enfrentar, que é o desafio educacional, do qual os outros desafios (econômico, social e político) nada mais são que consequências.

Antonio não identifica só o desafio, mas também a origem dele: os pais. Ou, mais genericamente, os adultos – sejam eles pais, educadores, professores ou padres –, que não têm sido capazes de oferecer uma hipótese de resposta à altura da necessidade dos filhos. O autor coloca a questão de um modo incisivo desde as primeiras páginas do livro: “Quem de nós, pais, [...] pode negar a si mesmo a verdade segundo a qual tudo ao nosso redor nos diz que a educação (entendida em sentido muito mais amplo do que a simples instrução) é o fator crucial para o sucesso de uma comunidade e, dentro dessa, dos nossos jovens? E, então, por que é que abdicamos completamente da nossa função educacional para nos transformarmos em torpes sindicalistas dos nossos filhos?” (p. 16). Esse é o desafio.

Como se constata essa abdicação dos pais da sua função educacional? Substancialmente, de dois modos.

1) Os pais quiseram, a todo custo, poupar os seus filhos das dificuldades da vida. “Em vez de sermos pais, gradualmente nos transformamos em sindicalistas dos nossos filhos, sempre prontos a lutar para que lhes seja aplanada a estrada rumo ao nada [palavras fortes!], porque não existe meta ambiciosa cuja estrada não seja árdua [...]. É um grande fenômeno cultural e é cada vez mais um traço do caráter nacional [...]. E é um grande fator de freio ao crescimento não só econômico mas também psicológico da nação” (p. 21).

Isto é, em vez de lançá-los rumo a uma meta ambiciosa correspondente às suas necessidades, ao seu coração, mesmo que a estrada seja árdua, preferimos aplanar para eles a estrada para que não precisem empenhar-se demais, para evitar o esforço da subida. Em vez do *Stay hungry, Stay foolish* (continuem famintos, continuem loucos) de Steve Jobs, no seu famoso discurso na Universidade de Standford, preferimos o “continuem saciados, continuem conformistas” (p.12).

“A culpa é nossa. Os verdadeiros trouxas somos nós” (p. 23), escreve Polito. Temos perseguido um modelo social totalmente orientado para dar uma vida fácil aos nossos jovens, sem perceber que assim, em nome dos nossos filhos, os temos arruinado. “Não os queremos famintos nem por um instante. Aliás, temos construído as nossas vidas e a nossa sociedade em função da alimentação deles. [...] Em função da proteção dos filhos das necessidades, com consequências sociais relevantes e nem sempre positivas” (pp.12-13).

Viveu-se “uma mal entendida noção de proteção dos nossos filhos; mal entendida porque, na realidade, denuncia uma desconfiança coletiva em relação a suas capacidades, o medo de deixá-los nadar com as suas próprias forças o mais cedo possível. E essa desconfiança eles a sentem, deprimindo-lhes a autoestima” (p. 20). Parecem-me afirmações muito inteligentes de como nós, procedendo assim, formamos um juízo sobre as suas capacidades, sobre as possibilidades de serem eles mesmos, de crescerem, de se desenvolverem. Não o dizemos tão explicitamente, mas em todo o caso eles captam este juízo.

Em terceiro lugar, temos praticado um paternalismo maléfico. “Sociedade da pantufa” é como Antonio a chama, totalmente decidida a preservar os jovens de qualquer esforço.

Impressiona-me a sintonia com o que dizia Dom Giussani em 1992, numa entrevista ao *Corriere della Sera*: “Assusta-me [...] a Itália. [...] É uma situação civil onde não há um ideal adequado, onde não há nada que ultrapasse o aspecto utilitarista. Um utilitarismo perseguido sem qualquer ponto de fuga ideal. Isso não pode durar. O receio é que se desencadeiem conflitos sem fim. [...] *Por que aconteceu tudo isso? O senhor pode dizê-lo depois de ter visto crescer várias gerações. Qual foi o fator que desencadeou semelhante queda, semelhante piora?* A todas essas gerações de homens não lhes foi proposto nada. Exceto uma coisa: a apreensão utilitarista dos pais. *O senhor está falando do deus dinheiro?* O deus dinheiro ou uma garantia de vida confortável, de uma vida sem riscos. E feita apenas de coisas, sem risco algum. [...] Quem sabe se esse desejo de

tornar menos difícil a vida dos próprios filhos, ou de um dado grupo de pessoas, a certa altura não rasgará o horizonte. Isto é, se quem tem esse desejo não entende que, para poder realizá-lo, precisa de um ideal, de uma esperança”¹.

Os pais pensavam que, poupando-lhes o esforço e protegendo-os da necessidade, estavam fazendo bem aos filhos, quando na realidade lhes estavam aplanando a estrada rumo ao nada.

Quando essa mentalidade vence, o resultado é aquele de que falava Pietro Citati num artigo publicado alguns anos atrás em *la Repubblica* e dedicado à geração dos jovens de hoje, sob o título “Os eternos adolescentes”, em que fazia um retrato quase impiedoso do resultado que a vitória dessa mentalidade produz. Escrevia Citati: “Antigamente as pessoas tornavam-se adultas muito depressa. Hoje há uma contínua corrida para a imaturidade. Antigamente [...] a todo o custo um jovem se tornava *maduro*. [...] Conquistar a maturidade era uma renúncia [...]. [Hoje os jovens] não sabem quem são. Talvez nem queiram saber: perguntam-se sempre qual será o próprio eu, [...] amam [...] a indecisão! Jamais dizer *sim*, jamais dizer *não*: parar sempre num limiar que talvez jamais se venha a abrir. [...] Não têm vontade: não desejam agir [...]. Preferem ficar passivos. [...] Vivem envolvidos num misterioso torpor. Não amam o tempo. O único tempo deles é uma série de instantes que não estão ligados em cadeia ou organizados numa história”².

A esse artigo seguiu-se uma resposta de Eugenio Scalfari, que sustentava: “A ferida [nesses jovens] foi a perda da identidade e da memória”, talvez porque alguém lhes havia tirado essa identidade. É singular: primeiro fazem de tudo para lhes fazer perder a identidade e depois se lamentam pelo fato de terem perdido a identidade. “A ferida foi o silêncio dos pais, demasiado envolvidos na conquista do sucesso e do poder. [...] A ferida foi o tédio, o invencível tédio, o tédio existencial que matou o tempo e a história, as paixões e as esperanças. [...] Não vejo essa profunda melancolia que existe nos jovens rostos do Renascimento pintados por Lotto e por Tiziano. [...] Eu vejo olhos perplexos, estáticos, aturdidos, fugidios, ávidos sem desejo, solitários no meio da multidão que os contém. Eu vejo olhos desesperados. [...] Eternas crianças. [...] A salvação deles está apenas nos seus corações. Só nos resta olhá-los com amor e preocupação”³.

Hoje estamos diante de uma profunda crise do humano, que pode ser resumida nesse torpor misterioso, nesse tédio invencível, nesse esmorecimento do humano em que muitas vezes nos encontramos quando a mentalidade denunciada no livro subjuga.

Essa profunda crise do humano manifesta-se na passividade de tantos jovens, que parecem quase incapazes de se interessar por qualquer coisa verdadeiramente significativa, ou no ceticismo de tantos adultos que não colocam diante deles alguma coisa pela qual valha a pena mexerem-se

¹ GIUSSANI, Luigi. Don Giussani: il potere egoista odia il popolo, entrevista a Gianluigi Da Rold. *Corriere della Sera*, 18 de outubro de 1992; agora em: GIUSSANI, L. *L'io, il potere, le opere*. Gênova: Marietti, 2000, pp. 214-219.

² CITATI, P. Gli eterni adolescenti. *La Repubblica*, 2 de agosto de 1999, p. 1.

³ SCALFARI, E. Quel vuoto di plastica che soffoca i giovani. *La Repubblica*, 5 de agosto de 1999, p. 1.

para sair dessa situação. É como se não encontrassem interesses com os quais valesse a pena comprometer inteiramente a própria humanidade. Parece que nada é capaz de interessar aos jovens a ponto de colocá-los em movimento, e então “o empenho no estudo torna-se mínimo, e o tédio, máximo”⁴.

Mas exatamente ao procederem assim os pais cometem um erro enorme. Onde esteve e está o erro? Na confusão sobre a natureza do coração do homem. Pensamos que somos que resolveremos o problema dos jovens, em vez de desafiá-los sobre a natureza deles. Essa natureza original que Leopardi documenta de modo insuperável: “O não poder se satisfazer com nenhuma coisa terrena, nem, por assim dizer, pela terra inteira; considerar a vastidão inestimável do espaço, o número e a massa admirável de mundos, e achar que tudo é pouco e pequenino para a capacidade do nosso espírito; imaginar o número infinito de mundos, e o universo infinito, e sentir que o nosso espírito e desejo seria maior ainda que o universo assim constituído; e sempre acusar as coisas de insuficiência e de nulidade, e sofrer falta e vazio, e porém tédio, parece-me o maior sinal de grandeza e de nobreza, que se encontra na natureza humana”⁵.

A esta natureza do homem – que é a natureza dos nossos jovens, e a nossa – não se pode responder somente com uma proposta cômoda que não seja capaz de despertar o interesse e toda a capacidade do eu.

2) Isso nos leva ao segundo erro denunciado por Antonio Polito, que assim conseguiu identificar a outra raiz da postura educacional criticada em seu livro, e com isso estou muito de acordo: a origem dos problemas é, sobretudo, cultural. E qual é o erro?

O que “fez de nós péssimos pais é o pensamento do séc. XX. Cujas grandes descobertas foram a identificação de forças sobre-humanas, fossem elas psíquicas, sociais ou biológicas, capazes de tirar dos ombros do homem a responsabilidade pelas próprias ações. Grandes filosofias consoladoras! Como o sistema de pensamento nascido de Freud, no qual o Eu racional e consciente, sede da responsabilidade individual, se torna um pobre abandonado à mercê de forças maiores do que ele, [lançando] ‘as bases para uma redução da ética à psicologia’ (Valeria Egidi Morpurgo). [...] Ou filosofias como o marxismo, que transportam para o plano social o mesmo mecanismo com responsabilidade zero. Vocês se lembram de uma das mais célebres teses? É o ser social que determina a consciência, não o contrário. Portanto, a nossa consciência é apenas uma serva, que vai para onde a leva a luta de classes. E a libertação do homem só pode ser o resultado de um processo coletivo que se desenrola acima de nós [...]. Toda a responsabilidade individual acaba, tudo é transferido para processos e movimentos coletivos. Escreve o antropólogo Robert Andrey em seu

⁴ BORGHESI, M. *Il soggetto assente. Educazione e scuola tra memoria e nichilismo*. Castel Bolognese: Itaca, 2005, p. 8.

⁵ LEOPARDI, G. Pensieri LXVIII. In: LEOPARDI, G. *Poesie e prose* (Vol. 2). Milão: Mondadori, 1980, p. 321.

The Social Contract: ‘Uma filosofia que durante décadas nos induziu a crer que as culpas do homem têm de ser sempre descarregadas nas costas de outrem; que a responsabilidade por comportamentos prejudiciais à sociedade deve sempre ser atribuída à própria sociedade; que os seres humanos nascem não só aperfeiçoáveis mas também idênticos, razão pela qual qualquer grave conflito entre eles tem de ser imputado à gravidade das condições ambientais’. [...] E, enfim, o darwinismo. [...] Que explica todos os comportamentos humanos como consequências inevitáveis da história evolutiva da espécie, e não como escolhas mais ou menos conscientes dos indivíduos. Medo e coragem, egoísmo e altruísmo, preguiça e espírito de iniciativa: nada do que somos pode ser atribuído à educação que recebemos, ao exemplo que nos foi oferecido, à cultura na qual temos vivido. Mas tudo é Natureza, tudo deriva dos nossos antepassados e dos instintos que se desenvolveram na luta pela sobrevivência do mais forte” (pp. 26-28).

Não sei se entendemos o alcance desse erro: o homem, reduzido aos seus antecedentes biológicos e sociológicos torna-se um fantoche, uma marionete nas mãos das “forças sobre-humanas”; por isso, o eu já não existe, o eu é como uma pedra arrastada pela torrente dessas forças. O “eu” como realidade pessoal, autônoma, com capacidade de liberdade, capaz de se colocar como sujeito na história e nas circunstâncias já não existe, porque tudo foi descarregado sobre os antecedentes de todo tipo, psíquicos, sociais ou biológicos. Polito chama a isto o ópio da desresponsabilização. Não existindo o eu, não existindo a liberdade porque tudo é determinado por esses fatores, que responsabilidade será possível diante dos desafios?

A consequência dessa mentalidade é uma certa concepção do homem: “Rousseau definiu a criança como ‘uma perfeita idiota’. E em 1890 William James descreveu a vida mental de um recém-nascido como ‘uma grande, danada e ruidosa confusão’. É por causa desta presunção que, convencidos de estar na presença de simpáticos ‘idiotas’, falamos e agimos diante deles como se não fôssemos ouvidos, e compreendidos, e julgados. Não sei a vocês, mas a mim nunca aconteceu estar num quarto com um dos meus filhos, desde a idade de sete ou oito meses, sem perceber distintamente em cima de mim os seus cinco sentidos em pleno funcionamento; sem experimentar a inquietante sensação de que, dentro daqueles corpos ainda incapazes de se mover e de se alimentar com suas próprias forças, já funcionavam, perfeitamente afinados, cérebros eficientes” (p. 67). No entanto, apesar de toda a redução operada pelo pensamento do séc. XX, a experiência elementar da relação com os nossos filhos impede essa redução. Como se tivéssemos a percepção, até mesmo sensível, de que não os podemos reduzir ao que costumamos reduzi-los, isto é, aos nossos pensamentos.

Continua Polito: “Vocês entendem bem que, se assim fosse, então o nosso comportamento de pais seria radicalmente errado, e deveria radicalmente mudar [porque se os jovens têm cérebros eficientes, alguma coisa tem de mudar]. Não mais ‘pobre criança, é pequena demais para entender’

[...]. A criança entende, compreende que existe uma coisa certa e uma errada” (p. 68). Experimentem cometer uma injustiça contra ela e vão ver como entende! Experimentem tratá-la de modo errado e vão ver como entende! Tudo menos reduzido aos fatores antecedentes de tipo biológico, psicológico etc.! Se, em vez deste reconhecimento da originalidade deles, do fato de terem cérebros eficientes, prevalece o domínio dessa mentalidade, dessa anulação do eu, deixa-se campo aberto para aqueles que Polito chama de “maus mestres”, que não encontram assim nenhuma resistência: “Há por aí outros adultos que provocam danos não menores que os pais. No sentido de que os causam a toda uma geração de filhos. São os maus mestres, entendidos no sentido literal e não metafórico do termo: isto é, gente que ensina mal, coisas erradas, métodos imprecisos, ideias perniciosas. É o grupo numeroso dos veteranos do famoso 1968, os quais, ao invés de na política ou na empresa, obtiveram o seu sucesso nas academias ou na comunicação e que hoje, a partir das televisões, das editoras ou das livrarias, projetam diante dos olhos dos nossos jovens o mundo como é como será. É através de suas palavras e de suas imagens que os nossos filhos aprendem a esperar ou a desesperar. Por isso, o papel desses pais-gurus pode ser também mais importante do que o dos pais biológicos” (pp. 131-133).

Antonio chega a uma amarga conclusão: “Somos a primeira geração de pais na história a ter elaborado uma complexa e altamente egoísta estratégia de sobrevivência através da *captatio benevolentiae* dos nossos filhos. Fingimos que o fazemos para o bem deles quando na realidade o fazemos pelo nosso” (pp. 142-143). E acrescenta: “A nossa sociedade, pois, envelheceu nas esperanças e nas expectativas, antes mesmo que na idade cronológica” (p. 144).

Ao reduzir o homem aos seus antecedentes biológicos, psicológicos ou sociológicos, tiramos do homem e dos jovens a sua dignidade, e deixamos isso expresso no modo como os vemos, eles leem esse juízo no modo como os tratamos, muito mais do que nos damos conta. Mas basta um mínimo de relacionamento com eles para descobrirmos que o eu existe. E que existe no eu algo de irredutível a esses fatores: Dom Giussani chamava a isso de “experiência elementar”, uma exigência de verdade, de beleza e de justiça, de felicidade, de plenitude, que é o núcleo do eu. E por isso os jovens entendem, entendem muitíssimo bem, não precisam frequentar um curso para ver quando é injusto um modo de tratá-los, ou quando não lhes queremos bem, ou quando não lhes damos o nosso tempo. Tirar-lhes o critério de juízo é tirar-lhes a dignidade, porque é como dizer: “Você é tolo, eu vou lhe explicar como as coisas são!”. Mas eles compreendem muito bem que não é assim, justamente porque têm dentro de si uma experiência elementar, que se expressa como exigência de verdade, de beleza e de justiça, por isso não precisam ir para Harvard fazer um curso sobre justiça para saber quando são tratados injustamente! Experimentem fazê-lo! Porque os nossos filhos, os nossos jovens, são impiedosos com isso. Nós somos uns diletantes em relação à clareza do juízo que eles têm sobre as coisas. Mas nós pensamos que são tolos. Pelo contrário, que diferença,

que diversidade quando os tratamos por aquilo que eles são! Mas, como diz o Papa, aconteceu [em muitas pessoas muito capazes] um “estranho obscurecimento do pensamento”⁶: o que é essencial já não o vemos. E com este obscurecimento do pensamento reduzimos a sua dignidade, a sua capacidade de ser, o eu com toda a sua possibilidade de evoluir, e restringimos, ao mesmo tempo, o nosso conceito de amor, que não é apenas cortesia e gentileza, mas amor na verdade.

Se esta é a situação, por onde recomeçar? Do “ponto inflamado [do espírito], o *locus* de toda a minha consciência”⁷, de que falava Cesare Pavese. Desses cérebros eficientes, desse coração que não pode ser reduzido aos fatores antecedentes, o coração com as suas exigências e as suas expectativas. É essa expectativa que precisa encontrar uma resposta adequada. É em torno desse ponto inflamado que pode girar uma proposta verdadeiramente correspondente ao humano. Mas esse ponto inflamado (como vimos em tantas ocasiões) foi sepultado por um torpor, por um tédio: não encontrando quem desafie os jovens com uma relação à altura da exigência deles (que muitas vezes se procura encobrir com muitas distrações), esse ponto fica sepultado.

A questão, então, é saber quem é capaz de despertar o ponto inflamado, o eu dos jovens; mas também o dos adultos. Esse é o desafio que todos temos diante de nós, a nossa geração e as instituições: a escola, a família, a Igreja, os partidos, os empresários, todos.

Para despertar o eu do seu torpor, do tédio que parece invencível, não basta uma lição ou apenas uma exortação ética (que pode ser útil), um sermão; é preciso um adulto que com a sua vida seja capaz de interessar o jovem pela sua existência, pelo seu destino. Mas é difícil encontrar adultos que não sejam céticos; quantas vezes me vejo dialogando com jovens universitários cujos pais, diante do ímpeto ideal deles, dizem: “Não, a vida lhe irá pondo no lugar pouco a pouco”.

É por isso que só uma testemunha (Paulo VI dizia que precisamos mais de testemunhas do que de mestres) – porque quem a encontra não pode subtrair-se ao seu fascínio, ao desafio que a sua presença introduz na vida – pode despertar esse ponto inflamado, essa exigência oculta. Alguém que encarne um modo de vida capaz de atrair o coração, de desafiar a razão, de pôr em movimento a liberdade. Em suma, é preciso uma proposta viva.

Uma testemunha ou – com uma palavra que hoje não é politicamente correto usar, mas que, se a esvaziarmos das conotações com que, às vezes, a entendemos e se a dissermos em seu sentido original, se mostra decisiva – uma autoridade, isto é, alguém que me faz crescer, que me gera com a sua presença. É preciso uma autoridade, uma presença que desafie o “ponto inflamado” para me lançar rumo àquela “meta árdua” à qual eu, pela minha estrutura humana, sou chamado.

⁶ BENTO XVI. *Luce del Mondo. Il Papa, la Chiesa e i segni dei tempi. Una conversazione con Peter Seewald*. Cidade do Vaticano: LEV, 2010, p. 47.

⁷ PAVESE, C. A Rosa Calzecchi Onesti, 14 giugno [1949]. In: PAVESE, C. *Lettere 1926-1950* (Vol. 2). Turim: Einaudi, 1968, p. 655.

Escrevia Dom Giussani: “A experiência da autoridade surge em nós como encontro com uma pessoa rica de consciência da realidade, de modo que ela se impõe a nós como alguém revelador, que gera em nós novidade, fascínio, respeito. Há nela uma atração inevitável, e em nós uma inevitável sujeição. A autoridade, com efeito, chama a atenção para a experiência, mais ou menos clara, da nossa indignação e do nosso limite. Isso nos leva a segui-la e a fazermos-nos seus *discípulos*. [...] Para responder adequadamente às exigências educativas [que hoje devemos enfrentar] da adolescência não basta propor com clareza um significado das coisas, nem basta uma intensidade de autoridade real em quem o propõe. É necessário [ao mesmo tempo] suscitar [nos jovens,] no adolescente [aquele] *compromisso pessoal com a própria origem*; [com eles mesmos, porque sem isso não serão eles mesmos; e é por isso que não se pode evitar a dificuldade]; é necessário que a oferta tradicional seja verificada, e isso só pode ser feito *por iniciativa do jovem* e por mais ninguém em seu lugar. [Proposta de uma hipótese de significado a ser submetida à verificação dos filhos, da sua pertinência à vida, da sua capacidade de responder aos desafios da vida. Sem esta educação para a verificação de uma proposta nunca serão eles mesmos e, assim, correrão o risco de se perderem]. A verdadeira educação deve ser uma *educação para a crítica*”. A crítica é a comparação daquilo que nos é proposto com os desejos do nosso coração: “O critério último do juízo, de fato, está em nós, de outra forma nos alienamos. E o critério último, que existe em qualquer um de nós, é idêntico: é exigência de verdade, de beleza, de bondade. [...] Tivemos medo demais dessa crítica”⁸, dessa verificação, não arriscamos para poder gerar um sujeito autônomo.

Continuava Dom Giussani: “O objetivo da educação é formar um homem novo; portanto, os fatores ativos da educação devem tender a fazer com que o educando aja cada vez mais por si mesmo, e sempre mais por si enfrente o ambiente [as circunstâncias]. É preciso, então, de um lado, colocá-lo constantemente em contato com todos os fatores do ambiente; de outro, deixar-lhe a responsabilidade da escolha, seguindo uma linha evolutiva determinada pela consciência de que o jovem deverá chegar a ser capaz de, perante tudo, *fazer por si*. O método educativo de guiar o adolescente ao encontro pessoal e sempre mais autônomo com toda a realidade que o circunda é tanto mais aplicado quanto mais o jovem se torna adulto [do contrário, o resultado será que ele não vai crescer]. O equilíbrio do educador revela aqui a sua importância definitiva. Com efeito, a evolução da autonomia do jovem representa, para a inteligência e o coração – e também para o amor próprio – do educador, um *risco*. Por outro lado, é justamente do risco da comparação que se gera no jovem uma personalidade própria no relacionamento com todas as coisas – que a sua *liberdade ‘acontece’*. [...] A experiência deve ser feita pelo próprio jovem, porque isto representa a

⁸ Cf. GIUSSANI, L. *Educar é um risco*. Bauru: Edusc, 2004, pp. 59, 61, 14-15.

realização da sua liberdade. E esse amor à liberdade até o risco é, sobretudo, uma diretriz que a educação deve ter presente. [...] Uma educação que aceite vigilante o risco da liberdade do adolescente é fonte real de fidelidade e de devoção consciente para com a hipótese proposta e para com quem a propõe. A figura do *mestre*, justamente por essa descrição e respeito, num certo sentido se retira para trás da figura dominante da Verdade Única na qual se inspira; o seu ensino e a sua diretriz se tornam dom de testemunho, e exatamente por isso se inscreve na memória do discípulo com uma simpatia aguda e sincera, independente – no seu nível mais profundo – das suas próprias capacidades. Por essa razão, temos uma gratidão e um vínculo com o mestre que não se eliminam; e também uma convicção, independente dele”⁹.

O processo educativo não tem como objetivo “convencer” o outro daquilo em que nós acreditamos – isso seria plágio –, porque no centro há duas liberdades relacionadas entre si. A liberdade se move por causa do atrativo do real, porque o coração do homem tem sede de verdade; cada um busca aquilo que corresponde às suas exigências originais de bem, de beleza, de verdade, de justiça, de felicidade, que são despertadas por tudo o que acontece. A educação é, por isso, um convite à liberdade do homem para iniciar uma caminhada rumo à descoberta da verdade das coisas. Quando isso não acontece, a afeição, que também as coisas despertam, mais cedo ou mais tarde enfraquece, e o tédio vence, porque só a verdade tem força para permanecer no tempo. A dinâmica da liberdade não é arbitrária, não é fazermos o que bem quisermos, porque um homem é verdadeiramente livre quando reconhece e adere ao significado da realidade; com efeito, sem um significado faltaria a razão adequada para viver.

A educação é um grande desafio para o coração do homem e sem ela é impossível o desenvolvimento da pessoa, em termos de razão e liberdade. Tanto assim que, quando os jovens são desafiados na sua razão e liberdade, se mostram entusiasmados por participar nessa aventura; o problema é que, infelizmente, não encontram muitos adultos que os desafiem e por isso decaem.

Gostaria de terminar com um texto de Rabindranath Tagore, que expressa todo o amor que um pai deve ter; quando esse amor existe, a pessoa o reconhece porque lhe deixa espaço para crescer: “Neste mundo, aqueles que me amam / procuram, por todos os meios, / manter-me preso a eles. / O teu amor é maior do que o deles, / e ainda me deixas livre”¹⁰.

É só o amor que nos torna livres e que dá espaço para a liberdade, para crescer. Esse é o desafio que nós, adultos, temos o dever de aceitar no relacionamento com os jovens.

Obrigado.

⁹ *Idem*, pp. 72, 73, 74.

¹⁰ TAGORE, R. In questo mondo... In: TAGORE, R. *Ghitangioli*. Milão: Guanda, 1976, p. 167.